

---

RUTH CARDOSO  
80 ANOS

---

---

RUTH CARDOSO  
80 ANOS

---



**N**O DIA 19 DE SETEMBRO DE 2010  
RUTH CARDOSO FARIA 80 ANOS.  
PARA LEMBRAR A DATA, O CENTRO  
RUTH CARDOSO INAUGURA SUAS INSTALAÇÕES  
E A HOMENAGEIA COM A PUBLICAÇÃO DE DOIS  
TEXTOS: O PRIMEIRO, DO SOCIÓLOGO ESPANHOL  
MANUEL CASTELLS, UM DE SEUS MUITOS AMIGOS  
E INTERLOCUTORES INTELECTUAIS; JÁ O SEU  
CONTERRÂNEO DE ARARAQUARA, IGNÁCIO DE  
LOYOLA BRANDÃO, CEDEU A ABERTURA QUE  
ESCREVEU PARA O PERFIL *RUTH CARDOSO* –  
*FRAGMENTOS DE UMA VIDA*. ESTIVESSE ELA AQUI,  
NADA DISSO ESTARIA SENDO FEITO. MAS ELA ESTÁ. E  
MESMO ASSIM FIZEMOS.

CENTRO RUTH CARDOSO

---

Uma homenagem do



Centro **Ruth** Cardoso

---

## Sumário

---

Ruth Cardoso: minha mestra,  
minha colega, minha amiga,  
de Manuel Castells

---

A vida de Ruth é a vida de Ruth,  
de Ignácio de Loyola Brandão

---

## RUTH CARDOSO: MINHA MESTRA, MINHA COLEGA, MINHA AMIGA

Manuel Castells

---

**R**UTH IRRADIAVA SERENIDADE NOS SEUS olhos café que iluminavam um rosto eternamente jovem embelezado por seu sorriso tranquilo. Conversar com ela sobre qualquer coisa, da política brasileira às alegrias e dores da vida, sempre me transmitia uma profunda calma. Os temas mais espinhosos, as questões mais complicadas se simplificavam, se tornavam razoáveis e se transformavam em possibilidades de entender, de fazer, de trabalhar para as pessoas e com as pessoas, de se sentir à vontade com os entes queridos. Mas Ruth, a Dona Ruth, a professora Ruth Cardoso era muito mais que um ser dileto e uma mulher inteligente

e sensível. Era uma pesquisadora de primeiro nível, uma acadêmica respeitada no mundo todo, uma líder de mulheres, uma ativista política comprometida e apaixonada e, chegada a ocasião, uma primeira-dama que rompeu com os moldes tradicionais e também com os novos modelos que outras primeiras-damas quiseram introduzir. E para mim foi minha mestra e amiga.

Ruth foi minha mestra. Ensinou-me muitas coisas desde os nossos primeiros encontros na Paris de 1968 e, em seguida, em novembro do mesmo ano, no mês que morei em sua casa no Morumbi, com sua família. Conduziu-me pela São Paulo que só uma antropóloga urbana como ela sabe decifrar. Permitiu que lesse sua tese sobre as comunidades japonesas de São Paulo, levou-me aos mercados onde eles vendiam suas verduras e me explicou os circuitos comerciais e familiares a partir dos quais cresceram em riqueza e influência, com base no duplo processo de integração ao país e conservação de sua identidade. Um tema que hoje é central no mundo e que Ruth me ensinou a pensar quatro

décadas atrás. Mas o tema em torno do qual desenvolvemos nossa mais profunda colaboração de pesquisa foi o dos movimentos sociais urbanos. Juntos identificamos a importância das comunidades locais na mudança social a partir da luta cotidiana pela satisfação das necessidades básicas das pessoas e o papel decisivo das mulheres como organizadoras da comunidade. Procuramos encontrar uma perspectiva de pesquisa que superasse o dogmatismo marxista de fazer das organizações comunitárias um apêndice da classe operária, ao mesmo tempo que nos distanciávamos do enfoque funcionalista da cultura da pobreza, abordagem ideológica a serviço dos interesses das igrejas.

Com Ruth, procuramos, e acho que conseguimos, identificar um novo sujeito de transformação, a cidade dos cidadãos, um movimento cidadão e de vizinhos que, para resolver seus problemas, tinha de transformar a cidade e, portanto, a sociedade, o que constitui a essência de um movimento social. Ruth tinha posição radicalmente crítica ao populismo e

encontrou na análise concreta do povo a forma de desmistificar a ideologia e de identificar as vias de mudança social que se adaptassem a uma realidade latino-americana, em que a classe operária foi mais frequentemente fonte de privilégios corporativos do que agente de transformação social. Ruth me ajudou, sem dizer nada, a superar o dogmatismo ideológico que em parte impregnava meu primeiro livro, *La Cuestión Urbana*. Sem dizer nada porque, em vez de entrar numa discussão textual (frequente nos círculos talmúdico-marxistas da América Latina da época), me abriu os olhos para o novo significado dos movimentos sociais urbanos que eu tinha identificado no Chile e na França, mas que procurava entender com categorias que não se adaptavam à sua problemática. Desse compartilhamento de experiências urbanas com Ruth saiu um novo olhar meu para os movimentos sociais urbanos na Espanha e, a partir dessa nova pesquisa, meu livro *La Ciudad e las Masas*, que rompeu explicitamente com a teorização marxista estruturalista para tentar situar a prática de transformação urbana em

seu contexto, partindo do que os sujeitos eram e diziam ser em vez de codificá-los conforme os interesses ideológicos do analista. Essa conversa sobre as comunidades locais e os movimentos sociais urbanos nunca se interrompeu.

Prosseguiu nos seminários que Ruth ministrou no Departamento de Planejamento Urbano e Regional em Berkeley, em 1982, e no Centro de Estudos Latino-Americanos de Berkeley, em 1999. E se articulou em reuniões locais e internacionais nas quais continuamos a redefinir a análise dos movimentos sociais segundo sua evolução na prática. Um dos momentos mais reveladores de sua capacidade analítica, exercida com a discricção da pesquisadora atenta à observação, foi sua intervenção no seminário sobre globalização e mudança social na América Latina no ano de 2002, em Cochabamba. Num momento da animada discussão nesse seminário fechado de alto nível acadêmico, Ruth sintetizou em uma frase o que estávamos descrevendo sem realmente entender: “O povo desunido jamais será vencido.” Simples, brilhante, profunda. Porque o que ela estava dizendo era que as

vias de transformação em nossas sociedades segmentadas e multiculturais não surgem de uma centralidade do sujeito, seja ele qual for, em torno do qual se aglutinam os protestos sociais e os projetos políticos. É a multiplicidade de fontes da mudança social, sua não articulação em aparelhos políticos instrumentais, seu trabalho intersticial nas mentes das pessoas numa série de práticas diversas que vai solapando as raízes da dominação. Porque a dominação tende a se exercer centralmente, no Estado, no capital, no oligopólio da informação, já que resulta de alianças entre interesses e valores dominantes. Ao passo que a resistência é multiforme, cada pessoa, cada grupo, cada fonte de valores alternativos tem suas próprias causas para defender contra a dominação encarnada nos aparelhos da sociedade. Fundir essa diversidade de resistências e projetos alternativos sob uma bandeira comum pode ajudar a ganhar eleições ou tomar o poder. Mas à custa de sacrificar a capacidade transformadora dos movimentos sociais, ações coletivas que procuram, antes, mudar os valores da sociedade do que empoleirar-se nas instituições.

Esse debate com Ruth e essa fórmula sintética, que agora figura no frontispício de minha análise sobre os movimentos sociais, forneceu-me a pedra angular que me faltava para entender a descentralização do processo de transformação social em nossos tempos.

Mas Ruth não concebia os movimentos sociais como gestos heroicos desvinculados das reivindicações cotidianas. Ao contrário, via-os brotar da luta diária para satisfazer as necessidades das pessoas e da organização comunitária dessas lutas.

E via o processo político relativo ao Estado como uma instância necessária para uma melhora da sociedade, mas uma instância na qual um projeto de reforma só poderia triunfar caso se enraizasse na dinâmica dos movimentos sociais, sem por isso segui-los em seu deslocamento utópico. Sempre desconfiada da ideologia, que tanta dor causou na América Latina, alertava contra o voluntarismo político das vanguardas. Ao mesmo tempo, insistia na necessidade de

manter os valores de transformação social que surgiam da base da sociedade como referentes últimos da gestão política, obrigatoriamente prudente e limitada pelo contexto institucional. Diferentemente dos líderes políticos, porém, ela e eu sempre consideramos que a essência da mudança provinha do que sucedesse nas comunidades locais e nos movimentos sociais múltiplos que surgem em todas as esferas da vida social. Não creio que seja trair um segredo de Estado recordar conversas semiprivadas nas quais, cada vez que num círculo íntimo lembravam ao então presidente Fernando Henrique Cardoso a importância dos movimentos sociais e comunitários, ele costumava dizer, concentrado que estava nas grandes decisões políticas do Estado, que “desses temas” (ou seja, sociedade civil, movimentos sociais e outros) já se ocupavam Ruth e Manolo. Não era um comentário pejorativo, muito pelo contrário: sabia que ali estava a raiz de tudo, mas suas tarefas e responsabilidades de gestão eram inadiáveis. Esperava que de Ruth saíssem ideias para o resto. E saíram. Mas Ruth nunca interferiu



nas decisões do presidente. Diferentemente de outras primeiras-damas que se consideraram no direito de co-presidir, Ruth soube definir um papel autônomo de primeira-dama, utilizando o prestígio de sua função para tomar iniciativas próprias, como o desenvolvimento da rede de programas sociais – a Comunidade Solidária –, financiados e patrocinados por recursos privados. Foi uma decisão amadurecida e consciente, que a transformou em agente de ação na sociedade, à margem de sua função de representação como primeira-dama, que assumiu dentro de parâmetros estritamente protocolares.

A coerência da visão de Ruth sobre a distância e a relação entre sociedade civil e Estado se manifestou com clareza exemplar em sua prática e análise do feminismo. Dela aprendi o que foi e é atualmente minha visão do movimento de mulheres e do feminismo. Ruth não se dizia feminista, apesar de ser uma mulher plenamente autônoma e já defender os direitos da mulher antes do termo feminismo ser utilizado no Brasil. No entanto, ela não

qualificava a si mesma como tal para se distanciar do feminismo ideológico da classe média alta que, na América Latina, importava modelos de feminismo norte-americano ou europeu e os aplicava a um contexto completamente diferente. O que interessava a Ruth era a emancipação das mulheres populares na sociedade mediante a assunção da liderança da família, do bairro, das associações civis, mudando, assim, as relações de poder dentro e fora da família. Ela distinguia movimento de mulheres, direitos da mulher e feminismo ideológico. Interessou-se pelos dois primeiros e ignorou (sem se opor) a dimensão ideológica, que sempre lhe pareceu artificial e elitista no contexto do Brasil. Assim entendi o que em seguida denominei (e Ruth considerou apropriado) “feminismo prático”, isto é, uma prática de afirmação cotidiana da autonomia da mulher sem ter de revesti-la com a roupagem conceitual da crítica do patriarcado. Essa perspectiva é essencial para a transformação da condição feminina no mundo, porque é somente por meio desse feminismo prático que se solapa o patriarcado na maior parte do planeta.

Sem essa perspectiva, não é possível entender o feminismo prático de mulheres islâmicas, mesmo o das integristas, para quem usar o véu não impede de decidir sobre suas vidas e escolher suas próprias batalhas, dentro de sua cultura. Ruth não interveio diretamente nesses debates, deixou-os simplesmente de lado, porque para ela o essencial era a igualdade legal, as condições de vida das famílias, a defesa do direito ao aborto e a proteção das mulheres contra a violência doméstica. Quando teve que defender esses direitos, não hesitou, de forma tranquila, em enfrentar as mais altas instâncias do poder, ganhando batalhas decisivas e contrariando todos os prognósticos.

A Ruth acadêmica educou, na sua cátedra da Universidade de São Paulo e em algumas das mais prestigiosas universidades do mundo, gerações de jovens cientistas sociais, para os quais abria novas perspectivas partindo de observações minuciosas de realidades no Brasil e na América Latina. Lembro como, no Centro de Estudos Latino-Americanos de Berkeley,

estudantes de vários países, frequentemente imbuídos de juízos preconcebidos sobre a realidade da América Latina, alcançavam de repente a compreensão de seu mundo real. Passavam a ver, por exemplo, na realidade das crianças de rua, não pobres criaturas abandonadas, mas trabalhadores precoces explorados por seus próprios pais para trazer dinheiro para casa, proibidas que eram de voltar enquanto não conseguissem o suficiente. E de repente nos dávamos conta da conexão entre uma análise colada na realidade e a possibilidade de transformar essa realidade. Por exemplo, oferecendo um subsídio suficiente aos pais em troca de mandarem os filhos para a escola, programa este que teve um impacto decisivo na redução do número de crianças de rua no Brasil. Ou a análise de Ruth sobre a possibilidade de controlar a Aids mediante o empoderamento das mulheres para poderem dizer não e, assim, evitar a contaminação. Esse empoderamento só podia provir da capacidade de organização comunitária e, portanto, da sociedade. Só depois é que as instituições do Estado podiam apoiar as mulheres

para reduzir a violência doméstica resultante de sua negativa ao sexo não seguro. Essa análise, que também esteve na base do desenvolvimento de comunidades de mulheres contra a Aids no Brasil, foi decisiva para frear a disseminação da doença, em contraste com a África do Sul, onde a incapacidade da sociedade civil para organizar a resistência das mulheres contra o abuso sexual dos homens tornou quase inúteis os programas institucionais de informação.

Ruth foi uma grande pesquisadora, e sua obra será compilada de forma sistemática nos anos vindouros. Mas foi sobretudo uma extraordinária inovadora social, que utilizou sua pesquisa e sua mente para inventar processos de mudança social em benefício de uma multidão de pessoas. E extraiu permanentemente ensinamentos dessas experiências a fim de refinar a análise e colocá-la em prática em novas iniciativas que contribuíssem para mudar a sociedade de baixo para cima. Influenciou agentes políticos, empresariais, líderes sociais, que viram em suas ideias a resposta para muitos

dos problemas práticos que eles se colocavam. Durante muito tempo veremos seus conselhos e suas ideias nas práticas de políticas reformadoras no Brasil, no Chile e em toda a América Latina. Muitos jamais saberão que, na origem dessas práticas, estão suas ideias. Ruth não se importará com isso. Ela desfiava ideias com paixão tranquila em torno de uma xícara de café, no transcurso de uma viagem, numa sala de seminário ou numa reunião num centro comunitário. Semeava. Semeava as sementes do que aprendeu como pesquisadora, esperando que a colheita fosse algo mais além de artigos científicos: que fosse uma colheita de humanizar as vidas de pessoas que ninguém via. Foi uma antropóloga para quem as comunidades observadas eram comunidades vivas e não culturas dissecadas para consumo das elites.

Compartilhei momentos de vida com Ruth. Muitos momentos. Na sua casa do Morumbi, no meu apartamento de Paris, no apartamento dela em São Paulo, na minha casa de Berkeley, nas aldeias da Amazônia, nos bairros de Barcelona, nos seminários do Cebrap,

nos seminários de São Paulo, Chile, México e Bolívia, nos seminários de Berkeley e Stanford, em movimentos comunitários e em palácios presidenciais, em universidades censuradas e em acadêmicas torres de marfim, em jantares preparados por ela e em churrascos feitos por mim, em viagens longas e curtas, em entardeceres e amanheceres, em esperanças e desesperos. Cada um desses vários momentos foi intenso e tranquilo; falávamos de tudo e projetávamos tudo, mas sem angústia, com tempo pela frente. Tínhamos toda a vida pela frente para analisar o mundo, senti-lo, mudá-lo. E, de repente, a música parou. Durante muito tempo não pude aceitá-lo, não conseguia imaginá-lo, o mundo não podia prosseguir sem Ruth, porque não achava o rumo sem essa bússola oculta fundamental que, periodicamente, ela era para mim. Inicialmente, reagi como intelectual, escrevendo um artigo sobre ela no jornal da minha aldeia local (La Vanguardia de Barcelona), como se o testemunho e a análise pudessem aliviar a ausência. Não podem. E não o fizeram, e continuei com esse espaço vazio na minha vida, um vazio ao mesmo

tempo pessoal, intelectual e político. Até que entendi que Ruth está viva, viva em mim, como tenho certeza de que está viva em muitas outras pessoas. Não só como memória e lembrança. Mas no que pensamos, no que pesquisamos, no que fazemos. Sem pensar nela. Sendo ela na realidade. E quando reconheci sua presença em tantos gestos de meu trabalho e de minha vivência, recuperei a calma, a calma que ela transmitia. E por isso pude agora, só agora, escrever este texto.

*Barcelona/Los Angeles, dezembro de 2009*

*Tradução de Claudia Berliner*

*Texto escrito para posfácio do livro*

Ruth Cardoso – Fragmentos de uma vida,  
*de Ignácio de Loyola Brandão,*  
*a ser lançado em 2010 pela Globo Livros.*

• ————— •

## A VIDA DE RUTH É A VIDA DE RUTH

Ignácio de Loyola Brandão

---

**N**UNCA ME ESQUEÇO DA TARDE EM que José Renato Nalini, presidente da Academia Paulista de Letras, ante a abertura de uma vaga, me pediu: “E se convidássemos Ruth Cardoso?” Fiquei com a incumbência, telefonei, ela sorriu suave e ironicamente: “Eu? Por que eu? Nem tenho obra.” Ela tinha publicado o suficiente, mas rejeitava o convite. Disse-lhe que a Academia não era apenas de escritores, autores, ensaístas, era também de notoriedades, pessoas que se destacam na vida do país em qualquer setor. Ela voltou a sorrir e desta vez a ironia foi mais forte. “Não, não me destaquei assim, diga ao

Nalini que agradeço, fico comovida, mas não posso aceitar.” Era um dos lados de Ruth, o *low profile*. Descobriria muitos outros depois. Pensei nisto enquanto trabalhava no livro. Pensei muito em uma frase do professor Antonio Candido, quando o entrevistei sobre Ruthinha, como ele a chamava. A certa altura, alertou-me: “Ao fazer a biografia de Ruth, tome muito cuidado para não escrever a do Fernando Henrique; a dela é a dela.”

O olhar do professor Candido me seguiu por ano e meio. Escrevi a biografia. Esta é a abertura do livro *Ruth Cardoso – Fragmentos de uma vida*. Aqui está como o livro nasceu. Uma explicação necessária. Uma carta a uma araraquarense que levou a cidade ao Brasil inteiro e ao mundo. Vocês estão lendo antes que o livro saia. Em lugar de um texto especial, adiantei um fragmento. Compartilhem comigo esta sinopse de uma vida.

### **Cara Ruth Cardoso**

Em 1995, a revista Vogue decidiu produzir um número especial dedicado a você. Se uso o você é porque, no nosso primeiro encontro, fui advertido que não deveria, nunca, chamá-la de senhora. Professora universitária, doutora, mulher respeitada internacionalmente, você era uma primeira-dama diferenciada de todas até então. O número foi preparado com ensaios a seu respeito, sua carreira acadêmica, seus trabalhos, escritos por pessoas que a conheceram e com quem você conviveu. Faltava o essencial, uma entrevista. Todos os contatos da Carta Editorial em Brasília davam em negativas. Você recusava dar entrevista como “primeira-dama”.

“Se querem ouvir sobre política e economia, falem com o presidente”, alegava, despachando os intermediários. Tentativas e mais tentativas, insistências, espera, muita ansiedade. Novos pedidos, aproximações, havia um muro, você fechada, irremovível. Depois descobri que este “fechamento” fazia parte de seu temperamento, era sua famosa reserva.

Estávamos quase desistindo, quando a guarda foi aberta. “Conversemos. Mas venha você, um araraquarense, que conhece minha família, meus amigos, meus lugares. Vamos falar só de Araraquara.”

Marcou-se o encontro certa tarde, entre 14 e 16 horas – não mais do que isso, foi ressaltado – no apartamento da Rua Maranhão. Cheguei pontualmente, afinal vivi em Berlim, você sorriu e se admirou. Mais tarde eu saberia que a pontualidade nunca foi seu forte e talvez esta seja uma das heranças que você legou para José Serra, um de seus mais queridos e fiéis admiradores. Começamos a conversar, era uma tarde amena, a Maranhão é uma rua quieta, em torno de nós o apartamento que tinha a sua cara, afinal cada móvel, quadro, vaso, flor, xícara, toalhinha de centro (detalhe araraquarense), bibelô – como se diz lá – foi escolhido e colocado por você. Fui aluno de ciências naturais, hoje biologia, da sua mãe Mariquita, no Instituto de Educação Bento de Abreu, o mesmo colégio onde você e seu pai estudaram. Conheci José, seu pai, nos anos 50,

redação do jornal O Imparcial, onde trabalhei desde os 16 anos. José, caladão, era o contador da casa, o guarda-livros. Conheci seus amigos de juventude, o segundo namorado, a turma com quem você saía e dançava, os clubes, o *footing*, os cinemas. Sabia das tias beatas. A conversa se estendeu por horas, readquirimos o sotaque de nossa terra. Terezinha, a empregada, chegou com o café, você ficou frustrada, “eu queria passar o café, aprendi com minha mãe, sei fazer duas xícaras, se preciso, ou três, coisas de minha mãe”. A expressão da cidade é essa, passar o café, ou coar o café. A conversa ultrapassou entre risos, as quatro da tarde, as cinco, as seis. Despedimo-nos às sete. Daquele dia em diante tivemos contatos irregulares, mas carinhosos quando nos víamos.

Quando a Editora Globo propôs construir a sua biografia, foi em busca do autor. Jorge Caldeira seria um candidato natural e prioritário, ótimo autor, historiador, tinha convivido com a família Cardoso desde a adolescência. Porém Jorge tinha outro projeto junto com a irmã dele Teresa, quer resgatar seu trabalho acadêmico.

Nomes foram sendo eliminados até Fernando Henrique Cardoso chegar ao meu. “Ela gostava dele, o perfil que a Vogue publicou a emocionou e a fez sorrir, por meio dele recuperou a cidade que lhe parecia perdida.”

Fiquei com a “incumbência”. Assustou-me, porém adverti, será mais um perfil do que uma biografia. Na verdade, esta é uma crônica de sobrevida. De momentos, fragmentos. Um livro com muitos claros a serem preenchidos. Quando fizemos uma lista preliminar de nomes a serem entrevistados chegamos a quase 200 no Brasil, Chile, Estados Unidos, França, pelo mundo. Levaria anos e eu tinha prazo de revista, digamos. À medida que fui trabalhando, ouvindo pessoas, fatos se repetiam, fui eliminando nomes. Alguns perguntarão: e eu? Ainda é cedo para se ter acesso a documentos íntimos, a cartas privadas. Pessoas da família se emocionaram enormemente diante de lembranças.

Ruth, não é uma biografia extensa, em que a veremos no dia a dia. Não a segui passo

a passo, nem a interpretei. Há saltos, vácuos. Uma grande colagem de como as pessoas a viram. Retrato alongado, com detalhes que a maioria desconhece. A Ruth dos bastidores, a mulher por trás da catedrática, da doutora, da primeira-dama, da feminista. Escrevi o tempo inteiro com uma frase de Bibia Gregori na mente: “Ruth detestaria que coisas pessoais dela viessem a público, ela era muito reservada sobre a privacidade.” Se de repente der com um segmento que parece uma crônica (calcada em fatos reais), tenha certeza, é uma crônica. Este livro é uma carta pessoal. Súbito, entro na narrativa, comento. Historiadores e biógrafos ortodoxos podem se horrorizar. Ouso dizer que é pré-biografia com lacunas, despreocupada de cronologias (há o período, não a data, dia e hora exatos) um roteiro para outras que virão, mais profundas, percucientes. É o retrato de uma araraquarense por um araraquarense. Deu-me imenso prazer escrever.

• ————— •



Associação AlfaSol  
Ruth Cardoso: 80 anos / Manuel Castells, Ignácio de Loyola  
Brandão. - - São Paulo : AlfaSol, 2010.  
32 p. ; 13,5 x 22,5 cm. -

1. Cardoso, Ruth Correa Leite – 1930 – 2008 – Homenagem  
2. Antropólogos - Brasil I. CASTELLS, Manuel  
II. BRANDÃO, Ignácio de Loyola III. Título.

CDD 306.092

Catálogo na fonte: Centro de Referência em Educação de  
Jovens e Adultos (Cereja) da AlfaSol

---

**Edição**

Claudia Cavalcanti (AlfaSol/Assessoria de Comunicação)

**Capa e projeto gráfico**

Kong Rex

**Foto**

Patrícia Santos/Folha Imagem

---



[www.alfasol.org.br](http://www.alfasol.org.br)  
R. Pamplona, 1005 – São Paulo – SP  
T. 11 3372 4300  
[alfasol@alfasol.org.br](mailto:alfasol@alfasol.org.br)

Este livro foi composto em fonte Adobe  
Garamond e impresso sobre papel Couché fosco  
150 g/m<sup>2</sup> pela Gráfica Laborgraf em setembro de  
2010, São Paulo. Tiragem: 1.000 exemplares.

---

Uma homenagem do  
Centro Ruth Cardoso

---